

A formação dos pregadores de missões internas na época contemporânea

A C Á C I O S A N C H E S

Centro de Estudos de História Religiosa
ajasanches@gmail.com

Resumo: Os pregadores de missões internas ou populares são agentes eclesiásticos enviados a uma determinada região do interior do território, onde tratam de desenvolver ações pastorais segundo a metodologia missionária, com o fim de cristianizar o povo e avivar a sua fé. Dadas as características deste género oratório, os missionários eram sujeitos a uma preparação exigente, que compreendia os doze anos de estudos académicos de Humanidades, Filosofia e Teologia, comuns aos outros eclesiásticos, seguidos de um período de formação intelectual e espiritual de cerca de cinco anos. Durante este longo tempo de formação, os pregadores tinham de dar provas da sua capacidade nos campos da eloquência e da teologia bíblica, dogmática e moral. Era-lhes igualmente exigido que tivessem elevados conhecimentos no campo do Direito Canónico, da História da Igreja e da Teologia Espiritual. Cada pregador criava a sua coleção de sermões, práticas e conferências, que o acompanhava ao longo da sua carreira.

Palavras-chave: Clero, Missões Internas, Formação.

Abstract: The preachers of internal or popular missions are ecclesiastical agents sent to a particular region of the interior of the territory, to develop pastoral actions according to missionary methodology, in order to christianize the local people and refresh their faith. Given the characteristics of this oratory style, the missionaries were subjected to a demanding preparation, which included the twelve years of academic studies in Humanities, Philosophy and Theology, common to other ecclesiastics, followed by a period of specific intellectual and spiritual formation for about five years. During this long period of training, the preachers had to demonstrate their ability in the fields of eloquence and biblical theology, dogmatic and moral. They were also required to have high knowledge in the fields of Canon Law, Church History and Spiritual Theology. Each preacher created his own collection of sermons, lectures and practices, which accompanied him throughout his career.

Keywords: Clergy, Domestic Missions, Training.

Introdução

Quando falamos de formação, educação e transmissão de conhecimentos, no âmbito dos seminários e colégios eclesiásticos, não referimos apenas a realidade institucional, mas questionamos sobretudo o modo como foram preparadas gerações sucessivas de sacerdotes, com o intuito de cristianizar as populações, através do exercício do ofício de pregador. Durante mais de três séculos, missionários de várias ordens religiosas percorreram o interior do país entregues à pregação de missões.

A aproximação ao conceito de missão do interior, ou popular, com que iniciamos este estudo, verificada no recurso a fontes tangíveis publicadas para contextos missionários, permite-nos compreender não só o alcance do trabalho pastoral específico dos missionários populares, mas também o âmbito da formação académica inicial e a necessidade de constante aferição de conhecimentos a que eram sujeitos. Faremos incidir a nossa análise em três setores incluídos nos programas formativos: o teológico, o espiritual e o prático ou pastoral.

Utilizaremos como exemplo paradigmático o caso dos pregadores da ordem religiosa dos Franciscanos Capuchinhos, que missionaram em Portugal desde 1940. Em épocas mais remotas referiremos as práticas missionárias de religiosos da mesma ordem, italianos e franceses.

A missão do interior

Em sentido estrito, a missão equivale ao cumprimento de um legado eclesial em ordem à promoção da fé. O conceito brota do termo *missio*, derivado do participio passado do verbo *mitto*: *missum*, que significa mandato¹. Como ação evangelizadora diz-se extraordinária, por ser desenvolvida por agentes especializados externos à pastoral ordinária em apoio às lideranças e micro-lideranças religiosas locais. Define-se como interior ou popular por ser dirigida ao povo de uma determinada região interior do território, distinguindo-se assim da missão ultra-marítima². Tratando-se de uma metodologia oratória, conjuga diversos elementos da retórica e eloquência sacra, entre os quais se destacam o sermão, a prática e a conferência, além de um conjunto de atividades complementares como procissões, concentrações de rua, ações penitenciais e a implementação de obras pias e devocionais, entre outras.

Mas deixemos falar as fontes. Uma pagela utilizada profusamente, a partir de 1950, pelos pregadores da Ordem dos Franciscanos Capuchinhos em Portugal, define

1 Cf. Acácio Sanches – *As Missões Populares dos Franciscanos Capuchinhos em Portugal: análise histórico-teológica e perspectivas de futuro*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2008, p. 21.

2 Cf. Acácio Sanches – *Missões Populares dos Franciscanos Capuchinhos: análise histórico-teológica*. Porto: Faculdade de Teologia-UCP, 2011, p. 87-88.

as missões populares como um trabalho apostólico cujos objetivos assentam em dois pilares: a defesa da fé e a promoção dos bons costumes:

«As Santas Missões são a mesma obra da Redenção continuada pelo Filho de Deus no mundo, por meio dos missionários. Fortificar os débeis, confirmar os fortes, levantar os caídos, dissipar os erros, descobrir os ardis do demónio, numa palavra, conservar e afervorar a fé e os bons costumes, eis os admiráveis efeitos das Santas Missões»³.

A consciência de atuarem *in persona Christi*, que o mesmo texto traduz, permite-nos inferir que os missionários se sentiam agentes da mesma obra de salvação iniciada por Cristo. Uma fonte externa, que remonta à década de sessenta, apresenta-os como «voz de Deus», que apela à mudança de vida. Citamos o «Boletim Informativo da Missão em Chaves», pregada nessa cidade por quatro missionários, em 1960, de 27 de março (domingo) a 15 de abril (sexta-feira):

«A Missão pretende situar-nos no lugar próprio, tornar-nos atentos aos mais sérios problemas da vida e prontos a alterar o que está errado, a tomar novos e seguros rumos, a escutar e a seguir a voz de Deus que sem dúvida se vai fazer ouvir no mais fundo da nossa alma»⁴.

Esta noção está enraizada na metodologia missionária desde a origem, como compreendemos quando revisitamos as ações cristianizadoras promovidas pela *Propaganda Fidei*, num contexto de Contra-Reforma. Lutero e Calvino tinham feito um trabalho notável, deslocando a Reforma de norte para sul de forma veloz e eficaz. Em pouco tempo, os católicos perderam influência nos países escandinavos, em parte da Alemanha, França, Países Baixos, Áustria, Boémia, Hungria e na Inglaterra, depois do cisma de Henrique VIII⁵. O êxito da Reforma deve-se sobretudo ao contacto direto dos agentes com o povo. A resposta de Roma tardou em organizar-se, só começando a ser verdadeiramente implementada depois da conclusão do Concílio de Trento (1545-1563). Percebeu-se, então, que era necessário desenvolver uma estrutura que penetrasse com eficácia nos territórios que haviam aderido à Reforma. A solução compreendeu o envio de missionários credíveis, enquadrados na doutrina conciliar e habilitados a dialogar com o povo. Despertava, assim, a necessidade de uma oratória de carácter itinerante e de fácil aquisição. Estas pregações, geralmente prolongadas, são o prelúdio da missão do interior⁶.

3 *Ibidem*, p. 90.

4 *Ibidem*, p. 91.

5 Cf. B. Dompnier – *Le venin de l'herésie: image du protestantisme et combat catholique au XVIIe siècle*. Paris: [s.n.], 1985; Georges Minois – *Historia de los Infiernos*. Barcelona; Buenos Aires; México: Paidós, 1999.

6 Cf. P. M. Van Delf – *Breve historia de la Mission al Pueblo*. In *Directorio de la Acción Misionera*. Madrid: Editorial Perpétuo Socorro, 1968, p. 11-23; Casiano Floristán; Manuel Useros Carretero – *Teología de la Acción Pastoral*. Madrid: BAC, 1968, p. 25-43. A demanda abriu caminho a novas Congregações Religiosas, que se especializaram neste tipo de pregação. Dentre eles destacamos os Teatinos fundados em Roma em 1524, por São Caetano de Thiene e Pedro Caraffa, futuro papa Paulo IV; os Frades Menores da Vida Eremitica, mais tarde conhecidos por Capuchinhos, fundados por Mateus de Bascio, quando obteve do

Esta metodologia oratória foi considerada de tal modo eficaz que veio a ser fixada como obrigatória no Código de Direito Canónico, em 1917. Efetivamente, quando lemos o Cànone 1349⁷, verificamos que os párocos estavam obrigados a promover missões nas respetivas paróquias, pelo menos a cada dez anos. Olhando para o caso português, entre os séculos XVI e XIX, as famílias missionárias que mais se distinguiram foram os missionários apostólicos, os lazaristas ou vicentinos, os jesuítas, os franciscanos ditos da observância e os oratorianos⁸. Algumas ordens religiosas masculinas de vida apostólica dedicaram-se quase exclusivamente a este género de pregação.

Metodologia oratória missionária

Pregação e manifestação pública da fé são as principais ações substantivas de uma missão popular. Durante 8 ou 15 dias, os missionários geravam uma atmosfera envolvente, algo apocalíptica, que, extremando a argumentação, induzia os féis a repensar a própria vida, como se se tratasse da última oportunidade de salvação: «Pode ser a última vez que Ele passe... que Ele fale... que Ele chame»⁹; pois «quem sabe não seja a derradeira, a graça desta Santa Missão»¹⁰.

Enquanto durava a missão, os missionários faziam com que as pessoas sentissem Deus mais próximo. Um Deus cuja imagem faziam evoluir ao longo da pregação, vincando inicialmente uns atributos e depois outros. Nos primeiros dias, Deus era apresentado como o Criador, o Senhor do tempo e da eternidade, onnipotente, onnipresente e onnisciente, origem de todos os bens naturais e sobrenaturais, que governa o mundo. Nada existe que não proceda de si e nada deixa de existir sem o seu consentimento. Progressivamente, esta imagem era substituída pela noção de um Deus Legislador: o Senhor dos Mandamentos, que vê, observa e regista toda a conduta do

papa Clemente VII a bula «Religionis zelus», em 1528; os Barnabitas fundados em Milão por Santo António Maria Zacarias, em 1530; a Companhia de Jesus fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534; e os Oblatos de Santo Ambrósio fundados depois do Concílio de Trento por São Carlos Borromeu, em 1578: cf. Cuthbert of Brighton – *The Capuchins, a Contribution to the History of the Counter-Reformations*. 2 Vols. Londres, 1930; Américo M. Veiga – *Missão Popular Rendentorista*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1984, p. 7; Joseph Lortz – *Historia de la Iglesia*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1962, p. 447-463; Germano Tüchle; C. A. Bouman – *Reforma e Contra-Reforma*. In J. Rogier; R. Aubert; A. D. Knowles – *Nova história da Igreja*. Vol. 3. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, p. 129-137.

7 «Ordinarii advigilent ut, saltem decimo quoque anno, sacram, quam vocant, missionem, ad gregem sibi commissum habendam parochi curent»: *Codex Iuris Canonici*. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1917, p. 371. De certo modo, o novo Código de Direito Canónico, de 1983, não anulou esta prescrição, pois no cànone 770 determina que «os párocos, em tempos determinados, segundo as prescrições do bispo diocesano, organizem pregações, chamadas Exercícios Espirituais e Sagradas Missões, ou outras formas de pregação adaptadas às necessidades»: *Código de Direito Canónico, edição anotada*. Braga: Edições Theologica, 1984, p. 495.

8 Cf. Eugénio dos Santos – *Missões do interior em Portugal na época moderna: agentes, métodos, resultados*. *Arquipélago*. 4 (1984), p. 38-40. Eugénio dos Santos – *Les missions des Temps Modernes au Portugal*. In *Histoire vécue du puple Chrétien*. Vol. 5. Toulouse: Privat, 1979, p. 431 e ss.

9 Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 91.

10 *Ibidem*.

ser humano. Passa, então, a ser um Deus temível pela sua ira e por causa da severidade com que castiga aqueles que fazem o que é noçivo e objetivamente proibido na Lei¹¹. Esta figura divina impunha-se nas pregações que antecediam os dias dedicados ao sacramento da penitência. Aqui, Deus é mais Juiz do que Pai; mais Remunerador que Criador. Mas, porque está disposto a perdoar todos os pecados, nos últimos sermões Deus surgia como um Pai bondoso, cheio de misericórdia e compaixão para com aqueles que se arrependem e convertem. Com esta imagem, os missionários queriam reforçar a convicção de que uma confissão bem feita livra o crente de toda a culpa, concede-lhe a graça santificante e abre-lhe as portas do Céu¹².

Cada pecado pessoal era interpretado pelos pregadores como um espinho cravado na carne de Jesus, que aumentava a sua dor e o peso da sua cruz. A sobrevalorização oratória das representações iconográficas de Jesus sofredor, preso à coluna, açotado, chagado de vergastadas e quedas, coroadado de espinhos, carregado com a cruz e nela pregado, sobrepunha-se à imagem de um Cristo glorioso, por vezes totalmente ausente em toda a missão. Portanto, a cruz ocultava a glória da ressurreição. Cristo surgia não tanto segundo as categorias bíblicas de Filho de Deus, Filho de Homem ou Mestre, mas, antes, como o Servo, condenado à morte por causa dos pecados do povo e esmagado pelo sofrimento. Esta visão gerava sentimentos de culpa pelo derramamento do seu sangue inocente. Perante esta imagem, cada pessoa era convidada a aceitar o seu próprio sofrimento e, mesmo, a incrementá-lo, fazendo sacrifícios pessoais para os associar aos de Cristo. Deste modo, o sofrimento era enaltecido como caminho de salvação¹³.

Na oratória missionária, a Igreja assumia-se como uma entidade cujo dever e poder consistia em administrar e distribuir os bens da salvação, como se o *pack* dos méritos da morte redentora do Salvador estivesse nas suas mãos, cabendo-lhe colocar a graça e a salvação ao alcance dos fiéis. Uma salvação individual, embora aberta a todos os batizados. Em grande medida, isso deve-se à importância dada ao Juízo Particular em detrimento do Juízo Universal, que podia abrir o tema da Parusia mais ligado à escatologia coletiva. Por isso, a imagem de Igreja mais presente na pregação era a de Reino de Deus¹⁴, organizado como sociedade hierarquizada desde o papa até ao povo, passando pelos bispos, presbíteros e diáconos.

11 Cf. Acácio Sanches – O tema do temor de Deus nas Missões Populares. *Communio*. 19 (2002) 433-445.

12 Cf. Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 352-359.

13 Cf. *Ibidem*, p. 361-364.

14 Tivemos ocasião de estudar 51 sermões em que o termo «Igreja» emerge 155 vezes. Além destas referências explícitas, acrescem outras expressões utilizadas no mesmo sentido, reportando-se a ela. Assim, 20 vezes a Igreja se diz «Reino de Deus», duas vezes: «Reino de Cristo» e outras duas: «Reino dos Céus»; oito vezes diz-se: «Povo de Deus», sem se confundir com o povo do Antigo Testamento; 6 vezes: «Corpo Místico» e uma vez: «Corpo de Cristo»; seis vezes: «Igreja de Cristo» e uma vez: «Igreja Mistério de Cristo». Finalmente, alude-se à Igreja como «família» sete vezes, uma vez como: «Comunidade eclesial» e utiliza-se o termo «igreja», com minúscula, seis vezes, indicando não a Igreja como instituição religiosa, mas o lugar de culto. Portanto, a imagem de Igreja que mais se repete é a de «Reino». 24 vezes no total, se juntarmos as noções de «Reino de Deus», «Reino de Cristo»

Neste enquadramento, à hierarquia competia não só legislar como também aplicar as penalizações devidas aos transgressores das leis desta sociedade, o que fez do sacramento da Penitência uma espécie de tribunal retributivo. Neste enquadramento, o viver ético correspondia ao cumprimento da lei. Ou seja, mais do que exercitar as virtudes, fazia-se consistir a vida de cada indivíduo em observar o que é ou não lícito¹⁵. Uma ação era considerada boa ou má pelo ato em si. Consequentemente, a gravidade do pecado determinava-se de forma externa à consciência. Deste modo, morrer sem receber a absolvição sacramental de um pecado mortal significava a condenação eterna, mesmo que o teor de vida anterior fosse absolutamente irrepreensível¹⁶.

Dos missionários esperava-se a promoção desta espiritualidade, em contínua tensão e atenção, de forma a promover uma conduta que preservasse nos fiéis um estado de graça imaculado, quase batismal. A pregação sugeria duas ferramentas: por um lado, evitar tudo o que não é permitido e cumprir escrupulosamente as prescrições dos mandamentos; e, por outro lado, angariar – o termo mais utilizado é: ganhar – graças, ou seja, acumular atos meritórios de piedade ou sofrimento, seja para o aperfeiçoamento pessoal, seja para transferir em favor dos defuntos.

A conceção teológica e pastoral pré-vaticana supunha que a resposta fosse pessoal. Por isso, embora pregassem diante de assembleias maciças, os pregadores dirigiam-se a cada um de forma individual, sob o lema: «Salva a tua alma». Mediante a palavra insistente dos missionários e a generosa oferta sacramental, propunha-se a cada pessoa uma vida nova, isenta de pecado e orientada para alcançar, através da ação da Igreja, os méritos necessários para adquirir a graça santificante e, com esta, o prémio do Céu.

Formação teológica, espiritual e prática

Além desta teologia e moral, os missionários levavam consigo uma determinada imagem do homem, da sociedade, do mundo e da história. Por isso, à preparação filosófica, teológica e pastoral deviam aliar uma cultura geral enciclopédica, que lhes desse o domínio sobre o amplo espetro do temário e, ao mesmo tempo, a versatilidade necessária para corresponderem às exigências de cada lugar. Nem todos os eclesiásticos podiam satisfazer estas condições. O pregador tinha de estar habilitado a interagir tanto num ambiente rural, como numa fábrica, escola ou academia; tanto perante gente

e «Reino dos Céus». Efetivamente, na época em que se pregaram as Missões Populares, a Igreja apresentava uma estrutura monárquica governada universalmente pelo Papa e localmente pelos bispos: cf. Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 368-369.

15 Cf. Bujanda, *Teologia Moral*, p. 9-30; Antonio Royo Marin – *Teologia Moral para seculares*. Vol. 1. Madrid: BAC, 1957, p. 16-216; Marcelino Zalba – *Theologiae Moralis Summa*. 3 vol. Madrid: BAC, 1952-1954; A. Tanquerey – *Compêndio da Teologia Ascética e Mística*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955; Marciano Vidal – *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida – São Paulo: Santuário Paulinas, 2003, p. 396-422.

16 Cf. Acácio Sanches – *O tema do temor de Deus...*, p. 442-444.

modesta e sem instrução, como perante doutores, engenheiros, médicos, advogados e políticos.

Um dos melhores estudos realizados em Portugal sobre as missões do interior, da lavra de Eugénio dos Santos, publicado na revista de ciências sociais «Arquipélago»¹⁷, constata que a competência intelectual era condição necessária para o exercício do ofício de pregador. Partindo dos registos dos óbitos dos padres oratorianos portugueses, o autor verifica que os melhores missionários eram simultaneamente os mais afamados professores dos Colégios de Teologia. Ao analisar os dados dos pregadores da Ordem Franciscana em Portugal, diz-nos que, dos 34 padres referenciados, 26 tinham cursado estudos superiores universitários, entrando em religião quando exerciam elevados cargos civis; os outros tinham sido cónegos ou titulares de igrejas rendosas e só 2, simples curas. 17 eram filhos de famílias nobres e ricas, alguns da mais alta nobreza e a maioria era de idade compreendida entre os 25 e os 30 anos. Idênticas conclusões recolhe o mesmo autor dos dados fornecidos acerca dos frades do convento de Varatojo: 4 dos 23 pregadores biografados pertenceram à alta nobreza, 11 eram simplesmente nobres, 6 provinham de famílias ilustres e apenas 2 de agregados humildes. Destes, a maioria tivera formação universitária.

Encontramos testemunhos similares na ordem dos Franciscanos Capuchinhos, que nos serve de paradigma. Apesar de a formação académica não ser determinante para o ingresso nesta instituição, paradoxalmente o título de pregador estava reservado a uma elite intelectual muito reduzida. No texto das Ordenações do Capítulo Geral de 1608, diz-se expressamente que qualquer indivíduo ligado à Ordem só obteria licença para subir ao púlpito depois de concluir com sucesso o curso de teologia: «Que nem os padres das províncias, nem os leitores donatos recebam a obediência para pregar, sem terem terminado todo o curso de teologia»¹⁸.

Competências teológicas

Com a publicação da encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, Leão XIII abriu caminho à restauração da Escolástica, o que fez de Santo Tomás o único mestre do catolicismo. Este papa, cujo pontificado decorreu de 20 de fevereiro de 1878 a 20 de julho de 1903, tratou de renovar os estudos eclesiásticos em todo o mundo católico, lançando as bases da Teologia Neotomista ou Neoescolástica, na qual foram formados todos os pregadores de missões internas na época contemporânea. Tratados, compêndios e manuais, essencialmente reposições e comentários às proposições da

17 Cf. Eugénio dos Santos – *Missões do interior em Portugal...*, p. 38-40.

18 *Ordinationes Capitulum Generalium*. 1608. In *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum*. 5 (1889), p. 249; cf. Vincenzo Crisuolo – *La predicazione nella legislazione Cappuccina tra cinque e seicento*. In Gabriele Ingegneri – *La predicazione cappuccina nel Seicento*. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1997, p. 31-78.

«*Summa theologia*» começaram a ser publicados profusamente em latim e outras línguas, a partir do último quartel do século XIX, tendo sido adotados como manuais de estudo de teologia dogmática e moral em todos os colégios e seminários católicos.

Dentro desta demarcação semântica e cronológica, o caso dos Franciscanos Capuchinhos portugueses não escapa à tradição manualística. Apontamos duas obras de credibilidade comprovada, particularmente importantes para a formação da primeira geração de pregadores, cuja atividade missionária teve início em 1951, numa missão pregada na cidade de Guimarães¹⁹.

A primeira grande obra é o «Compêndio de Theologia Dogmática»²⁰, do professor e Doutor em Direito Canónico e Teologia Dogmática Adolphe Tanquerey (1854-1932), obra publicada em sete volumes, traduzida para a língua portuguesa por Miguel Ferreira d' Almeida, Doutor em Teologia e Direito Canónico e Cónego Honorário da Basílica do Loreto, condecorado com a Cruz dos Beneméritos pelo próprio Leão XIII. Trata-se de uma obra exaustiva que abarca todos os tratados de teologia, profusamente comentados.

A segunda, é a incontornável coleção de Tratados Teológicos publicados em Madrid, pela Biblioteca de Autores Cristianos (B.A.C.). Destacamos a «*Sacrae Theologiae Summa*»²¹, obra de teologia completa, bilingue, impressa em quatro volumes, omnipresente nas bibliotecas de colégios e seminários. Estão envolvidos nesta edição sete teólogos jesuítas.

Curriculum de estudos

Consultando as Certidões de Estudo, emitidas desde 1959 até 1963, guardadas no Arquivo da Cúria Provincial dos Franciscanos Capuchinhos, em Lisboa, temos acesso às matérias que estudaram estes pregadores. O curriculum compreende a componente inicial de humanidades, com duração de cinco anos, a que se segue um ciclo de três anos de filosofia e um ciclo de quatro anos de teologia.

A) O Curso de Humanidades: tinha a duração de cinco anos, decorria no Seminário Seráfico de Poiares (equivalente a um Seminário Menor) e era composto

19 Cf. Francisco Leite de Faria; Fernando de Negreiros – *Os Capuchinhos em Portugal: memória de um cinquentenário*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1989, p. 454; cf. Acácio Sanches, *Missões Populares...*, p. 106.

20 Cf. A. Tanquerey – *Compêndio de Theologia Dogmática*. 7 Vols. Viseu: Revista Católica, 1901-1902; A. Tanquerey – *Compêndio da Teologia Ascética e Mística*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955; Bujanda – *Manual*; A. Tanquerey – *Teologia do Além*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1953.

21 Cf. Michaelae Nicolau; Ioachim Salaverri – *Sacrae Theologiae Summa. I. Introductio in Theologiam. De revelatione christiana. De Ecclesia Christi. De S. Scriptura*. 3ª ed. Madrid: BAC, 1955; Iosepho A. de Aldama; Iosepho F. Sagüés – *Sacrae Theologiae Summa. II. De Deo uno et trino. De Deo creante et elevante. De peccatis*. Madrid: BAC, 1955; Iosepho A. de Aldama; Severino Gonzalez; Iesu Solano – *Sacrae Theologiae Summa. III. De Verbo incarnato. De B. Maria Virgine. De Gratia Christi, De virtutibus infusis*. Madrid: BAC, 1950; Iosepho A. de Aldama; Severino Gonzalez; Francisco A. P. Solá; Iosepho F. Sagüés – *Sacrae Theologiae Summa. IV. De sacramentis. De novissimis*. Madrid: BAC, 1950.

pelas seguintes disciplinas: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, História Civil, História Sagrada, Religião, Matemática, Ciências Naturais, Físico-química, Geografia, Música, Caligrafia, Desenho, Declamação, Literaturas Estrangeiras e Liturgia.

B) O Curso de Filosofia: tinha a duração de três anos, decorria no Colégio de Filosofia (como o Colégio de *La Inmaculada de Santa Marta*, em Salamanca, Espanha) e constava das seguintes disciplinas:

Primeiro ano: Lógica, Cosmologia, História da Filosofia, Fisiologia, Arte, Literatura, Metodologia, Música, História da Ordem e Declamação.

Segundo ano: Metafísica, Crítica, Psicologia Racional, Psicologia Experimental, Pedagogia, História da Filosofia, Arqueologia, Literatura, Música, Franciscanismo, Declamação e um Seminário.

Terceiro ano: Teodiceia, Ética, História da Filosofia, Economia, Sociologia, Estética, Literatura, Franciscanismo, Declamação e um Seminário.

C) O Curso de Teologia: tinha a duração de quatro anos, decorria no Colégio de Teologia ou numa Universidade (como a Universidade Pontifícia de Salamanca, em Espanha) e era composto pelas seguintes disciplinas:

Primeiro ano: Dogma Fundamental, Moral Fundamental, Propedêutica Bíblica, Normas Gerais de Direito Canónico, História Eclesiástica (Idade Antiga), Liturgia, Hebraico e Patrologia.

Segundo ano: Dogma Sacramental *in genere et in specie*, Moral Mandamental, Livros Proféticos e Sapienciais, Direito Canónico (*De rebus*), História Eclesiástica (Idade Média), Ascética e Missiologia.

Terceiro ano: Dogma (Cristologia, Mariologia, Graça e Virtudes), Moral Sacramental, Atos dos Apóstolos e Epístolas, Direito Canónico (*De processibus*, *De delictis et poenis*), História Eclesiástica (Idade Moderna) e Mística.

Quarto ano: Dogma (*De Deo Uno et Trino*, *De Deo Creante et elevante*, *De Novissimis*), Moral Mandamental, Evangelhos e Livros Históricos do A. T., Direito Canónico (*De personis*), História Eclesiástica (Idade Contemporânea) e Teologia Oriental.

Obtenção do título de pregador

Se para a ordenação sacerdotal bastava a conclusão dos cursos de Humanidades, Filosofia e Teologia, o mesmo não se diga relativamente à obtenção do título de pregador. Como veremos em seguida, os candidatos a pregadores passavam por vários exames, que se prolongavam ao longo de 5 anos.

Em primeiro lugar, após a ordenação sacerdotal, os candidatos a exercer ofício de pregador tinham de ser examinados e aprovados pelo Ministro Geral ou um seu delegado, o Superior Provincial, conforme preceituava a legislação interna:

«Ninguém seja promovido ao officio da pregação, se além do mais que prescreve o Direito, não tiver sido examinado e approvedo pelo Ministro Geral, como quer e preceitua a Regra, ou, por delegação sua, pelo Superior Provincial juntamente com os Definidores e os Lentos; neste ultimo caso, elles todos, juntamente congregados, testemunharão ao Pe. Ministro Geral que o religioso concluiu devidamente o curso dos estudos prescritos nas presentes Constituições, e que tambem, depois de feita a votação secreta, se verificou ser elle de bons costumes e ter capacidade para o officio da pregação. E, si alguem, por motivo de estudos, tiver passado da sua provincia para outra, o attestado dos estudos feitos e da probidade de costumes deverá ser prestado tambem pelos superiores desta provincia»²².

Comprovadas as capacidades no campo da eloquência, em cujo exercício se havia ocupado consecutivamente desde o curso de Humanidades, o jovem padre era submetido a uma rigorosa prova oral, denominada «Exame de Reválida»²³. Este exame versava sobre três grandes áreas: Sagrada Escritura (Antigo e Novo Testamento), Teologia Dogmática e Teologia Moral. Aprovado no exame, o seu superior em Portugal reconhecia-o oficialmente como pregador e apresentava-o à autoridade eclesiástica diocesana, que lhe outorgava a licença para pregar.

Depois desta fase inicial, uma prática transversal a toda a Ordem dos Franciscanos Capuchinhos sujeitava os pregadores a comprovar a sua competência académica durante os primeiros cinco anos de atividade, como pode constatar-se pela seguinte prescrição interna das Constituições de 1939:

«Para que nos jovens sacerdotes não arrefeça, mas, antes, dia por dia se acenda cada vez mais o amor pelo estudo, com grandíssima utilidade para elles, determina-se que, mesmo terminado o curso regular dos estudos e obtida a faculdade de prégar, sejam elles examinados annualmente por um quinquennio, por Padres doutos e graves, sobre as diversas disciplinas das ciências sagradas que o Superior Provincial tiver previamente designado»²⁴.

Assim, durante os primeiros cinco anos de sacerdote, o religioso voltava a ser examinado em cada ano, nos chamados «Exames Quinquenais»²⁵, precedidos de um intensivo mês de lições, durante o verão, no convento do Porto. Os pregadores tinham de prestar provas sobre Teologia Dogmática, Teologia Moral, Sagrada Escritura, Direito Canónico, História da Igreja e Teologia Espiritual. Os exames, bem como a preparação dos pregadores, eram confiados ao Prefeito Provincial de Estudos, a quem competia também presidir ao júri e publicar os resultados.

22 *Constituições dos Frades Menores Capuchinhos*. 197. In *Regra e Testamento do Seraphico Pae S. Francisco com as Constituições dos Frades Menores Capuchinhos e as Ordenações dos Capítulos Geraes*. São Paulo: [s.n.], 1936, 118. Ortografia textual. As Constituições referem-se aos cânones 1328, 1337-1351 e 1406 do Código de Direito Canónico de 1917.

23 Cf. Acácio Sanches, *Missões Populares...*, p. 93.

24 *Constituições*. 199. In *Regra e Testamento...*, 119. Ortografia textual.

25 Cf. Acácio Sanches, *Missões Populares...*, p. 93.

É patente, portanto, um esforço de formação contínua, que se devia manter durante toda a vida. Os padres destinados em exclusivo a esta atividade tinham de dedicar longos períodos ao estudo não só das matérias atrás referidas e sobre as quais eram examinados, mas também da patrística, biografias dos santos e todo o tipo de manuais de piedade, ascética e mística²⁶. Determinante se afigurava ainda a consulta dos manuais de pregação²⁷, que expunham normas do falar em público e comportavam modelos de sermões sobre os principais temas doutrinários, devidamente aprovados pela autoridade eclesíastica. Compostas para orientar o trabalho dos pregadores, estas obras foram muitas vezes fonte inspiradora não só da missão do interior, mas também de outros géneros oratórios. Contudo, era no silêncio dos gabinetes e bibliotecas conventuais que os pregadores se aperfeiçoavam. Com base nas diversas fontes disponíveis, cada um burilava minuciosamente a sua coleção de sermões, práticas e conferências, que completava, aprimorava e reescrevia ao longo da carreira, pois, como nos diz o redentorista Pedro Santiadrian: «um missionário sem bons sermões é como um soldado sem armas»²⁸.

Competências espirituais

O desenvolvimento de competências não reflete unicamente a vertente intelectual; incide igualmente sobre espiritualidade. Na missão do interior, uma das preocupações cimeiras é a orientação espiritual dos fiéis, que passa pela proposta insistente do sacramento da reconciliação. Os objetivos da missão não se consideravam alcançados sem a confissão da grande maioria, senão da totalidade, da população. Isto significa que os missionários tinham de estar preparados para enfrentar qualquer problemática espiritual ou moral. Além da experiência neste campo e da capacidade pessoal de interpretar as moções espirituais e psicológicas dos indivíduos, contavam com um complemento teórico-prático. Referimo-nos a uma sessão mensal, com os demais sacerdotes do respetivo convento, dedicada a resolver os «Casos de confissão»²⁹. Este encontro tinha por objeto a solução de um incidente moral hipotético, proposto a partir de fichas de trabalho específicas. Depois da exposição do mesmo, cada religioso desenvolvia os seus argumentos, à luz da Moral e do Direito Canónico, chegando-se à sua resolução por consenso dos sacerdotes presentes.

26 Citamos a título de exemplo: Francisco de P. Morell – *Migalhas de doutrina: contos e verdades*. Porto: Casa Nun'Álvares, 1940; Manuel Vieira – *Regresso aos Mandamentos*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 1953; Tihamer Toth – *Los diez mandamientos*. 4ª ed. Madrid: Sociedade de Educación «ATENAS», 1946.

27 Obra frequentemente utilizada pelos pregadores é a de Gumersindo de Estella – *El misionero práctico: norma para predicar misiones en pueblos católicos según la tradición de los religiosos Capuchinos*. Pamplona: PP. Capuchinos, 1945.

28 Pedro R. Santiadrián – *Experiencias Misionales: testamento misionero del P. Ramón Sarabia*. Madrid: Editorial el Perpetuo Socorro, 1959, p. 162.

29 Cf. Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 94.

Em nosso entender, estes ensaios de laboratório contribuíam para que os pregadores encarassem com maior confiança e autoridade a função de confessores. Autoridade inerente à sua condição, que fazia com que as populações os recebessem como autênticos profetas e modelos de santidade³⁰.

A necessidade de projetar uma boa imagem justifica a preocupação que os superiores tinham em cuidar da saúde espiritual dos pregadores, empenho favorecido pelo silêncio obrigatório dos conventos, aliado a algumas concessões de que gozava esta classe, como a dispensa de recitar matinas à meia-noite, para promover o descanso³¹.

Já no século XVII, François de Toulouse defendia que os missionários deviam alternar os tempos de ação com tempos descanso, oração, retiro e recolhimento³². No mesmo tempo, a província francesa de León tinha como obrigatório que os missionários regressassem aos conventos a cada duas ou três missões, para aí renovarem as forças durante algum tempo. Estava também aconselhado que, depois de três anos, ficassem pelo menos um ano num convento ou eremitério de pleno título, para retomarem o ritmo da regularidade conventual.

Em 1956, o padre Cornélio de San Felices, responsável máximo em Portugal, exigiu ao grupo dos pregadores capuchinhos que, em cada ano, suspendessem as atividades durante uma semana para se reunirem em retiro³³. No mês de janeiro desse ano organizou-lhes um turno especial de exercícios espirituais, que envolvia dois objetivos. Por um lado, facultar-lhes um tempo de enriquecimento espiritual e reconforto físico; e, por outro lado, dar-lhes oportunidade de se reunirem para debater os principais desafios que a pregação lhes colocava.

Por ocasião das missões do interior, estes religiosos organizavam-se com frequência em equipas missionárias, para pregar a mesma missão; estes retiros contribuíam para que, além disso, se estreitassem as relações entre eles e se melhorasse a programação e articulação de conteúdos e estratégias.

30 Cf. François de Toulouse – *Le missionnaire apostolique ou sermons utiles à ceux qui s'employent aux Missions*. Vol. 1. Paris: [s.n.], 1666, p. 7.

31 Cf. *Regra e Testamento...*, 183.

32 Cf. François de Toulouse – *Jesus Christ ou le parfait missionnaire...*, p. 379.

33 Quando pela primeira vez se organizou o retiro de pregadores, em Janeiro de 1956, reuniram-se 11 padres, através da seguinte notificação: «Os exercícios espirituais para os nossos pregadores terão lugar no convento do Porto, do dia 8 à tarde até ao dia 14 pela manhã do próximo mês de Janeiro de 1956. Notificamo-lo com tempo a todos os nossos superiores locais para que não tomem nem permitam tomar compromissos de pregação aos seus religiosos nessas datas. Aos ditos exercícios deverão assistir os seguintes padres: da residência de Lisboa, padre Mateus do Souto; do convento do Porto, padre Alberto de Carcavelos, padre Luís da Correlhã, padre Carlos da Cumieira e padre Domingos de Gondifelos; do convento de Barcelos, padre Pedro de Macieira e padre Avelino de Amarante; do convento de Poiães, padre Jerónimo do Souto; da residência de Coimbra, padre José Maria do Louro e padre Ângelo de Ribas; da residência de Beja, padre Gabriel de Castro Daire»: Cornélio de San Felices – *Notificações do Rev.mo padre Comissário Geral*. In *Boletim Oficial do Comissariado dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal*. Vol. 1, série 2 (1955) p. 38-39. No ano seguinte também participaram no retiro 11 pregadores: cf. *Exercícios espirituais dos padres pregadores*. In *Boletim Oficial do Comissariado dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal*. 2:5 (1956), p. 40-41. E em 1958, foram convocados nove sacerdotes: cf. *Retiro dos pregadores*. *Boletim Oficial do Comissariado dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal*. 3:9 (1957), p. 32-33.

Competências práticas: o perfil do missionário

As missões do interior sempre se caracterizaram pela sua natureza itinerante, o que nos submete à figura do pregador austero, capaz de enfrentar situações extremas, quer no exercício da ação missionária, quer na sobrevivência quotidiana e nas agruras das deslocações³⁴. Numa época em que os transportes estavam menos desenvolvidos, era necessário contar com bastantes horas de viagem. Conforme o destino que os esperava, assim se deslocavam, no continente, de comboio ou autocarro; ou, para ilhas dos Açores e Madeira, de navio ou avião. Nas zonas do interior, de acessos menos desenvolvidos e meios mais escassos, com frequência as viagens tinham de ser complementadas com recurso ao automóvel do pároco ou de entidades locais, em especial para fazer o transbordo entre a estação de caminho de ferro ou garagem de autocarros e a freguesia³⁵.

Chegados ao local, os missionários deviam estar preparados para tudo: convocar a assembleia, ensaiar e animar a liturgia, orientar as orações, celebrar a eucaristia, pregar qualquer sermão, ensinar e ensaiar as crianças, proferir conferências, falar sobre qualquer tema em público ou em privado, resistir às inúmeras horas de confessionário, visitar os doentes, idosos, presos, operários e militares.

Portanto, a missão não se resume aos atos de oratória, embora estes sejam uma ferramenta essencial. Na verdade, há que contar com outros elementos que constituem, por assim dizer, o dia-a-dia da missão.

A jornada missionária gravitava em volta de dois núcleos: a eucaristia matinal e o grande sermão noturno. A primeira ação inclui uma breve pregação sobre a vida de um santo, uma virtude moral, os problemas da conduta humana, a conversão dos costumes, ou outros assuntos que as circunstâncias aconselhassem. À noite ou ao anoitecer, o povo reúne-se novamente para escutar o grande sermão, de elevada

34 No começo, em ambiente de Contra-Reforma, dado que os territórios protestantes tinham sido marcados pela supressão dos símbolos católicos e pela profanação de alfaias e lugares sagrados, os missionários, deslocando-se a pé, a cavalo ou de coche, faziam-se acompanhar de todo o material necessário: livros litúrgicos, folhetos, estampas, paramentos, cálice, patena e a própria pedra de ara, para a celebração da missa. Cf. Cagnoni – *I Frati Cappuccini*. Vol. 3, p. 4283-4284.

35 Cf. Acácio Sanches, *Missões Populares...*, p. 95. Conta-nos um missionário que, certa vez, indo pregar a uma recôndita paróquia da diocese da Guarda, se deslocou de comboio até à estação do caminho de ferro mais próxima. Aí encontrou à sua espera para o levar até à paróquia, por mais trinta quilómetros, um senhor de meia idade com um cavalo pela rédea. Vendo-o com o hábito, perguntou-lhe: «É o senhor o padre missionário?» Ao que respondeu: «Sou, sim senhor». Tornou-lhe o primeiro: «Venho-o buscar. Queira fazer a fineza de montar o cavalo». Não era a primeira vez, mas, sinceramente, o padre não estava à espera. Lá montou e começaram a viagem rumo à paróquia atrás de meia dúzia de colinas, ele a cavalo e o homem puxando a montada pela rédea. A viagem pacata até correu bem enquanto o caminho era a subir. Mas quando começou a descer o missionário viu o burel do hábito escorregar cada vez mais, sobrepondo-se ao selim, já em direção às crinas do equídeo. «Olhe que eu estou a escorregar», dizia. «Segure-se, senhor padre missionário», gritava-lhe o homem. Ele lá se apoiava como podia, mas eis que num passo de tropel a pata da frente escorregou numa fraga e o cavalo estanca, quase ajoelhando. E foi ver o senhor padre missionário deslizar veloz pelas crinas do cavalo, que baixara o pescoço com o percalço, e estatelar-se no empoeirado chão do caminho. Esta peripécia foi recolhida na entrevista feita pelo autor ao padre Fernando de Negreiros, no dia 23 de março de 2007.

componente teórica e profundidade doutrinal, mas com grande elegância estética³⁶. Por norma, cada sermão satisfazia uma unidade temática de importância teológica e espiritual³⁷. Também se promoviam conferências ditas especializadas por se destinarem a setores diferenciados da população, por norma, homens, mulheres, rapazes e raparigas. Ao contrário do sermão e da prática, aqui o ambiente era mais informal e os temas revestiam-se de um teor catequético e educativo, adaptados a cada setor³⁸.

As palavras dos missionários alertavam, aconselhavam, instruíam e exortavam as consciências, com uma eficácia singular, sociologicamente explicável não tanto pelo carácter de liderança, mas em nome da autoridade divina. Sem perder o tom marcadamente formal, nos últimos dias, a pregação adquiria um teor mais sensível, afetivo e comovedor. Nada era arbitrário. A escolha dos temas, o modo de os apresentar, a entoação da voz, os gestos e todo o tipo de expressões e sinais não-verbais emprestavam ao discurso uma plasticidade móvel e adaptativa, que servia com coerência os propósitos em vista³⁹.

Nas ações de rua privilegiavam-se as grandes concentrações, a *via-crucis*, a procissão de velas com nossa senhora e outras procissões. Nos últimos dias convidavam-se os fiéis à confissão dos pecados, procurando que ninguém se dispensasse do sacramento. Na manhã do dia do encerramento fazia-se a cerimónia da comunhão geral e, pela tarde, uma grande concentração eucarística, normalmente num espaço público, em que o Santíssimo Sacramento era o centro das atenções. Por fim, após o sermão da perseverança, no mesmo local, beijava-se a cruz da missão, recebia-se a bênção papal e alguma recordação, que podia ser uma estampa ou um pequeno crucifixo, para memória futura.

Ainda que haja missões realizadas por apenas um pregador, em pequenas freguesias, esta tarefa intensa, pluridisciplinar e multifacetada, reunia geralmente equipas de 2 a 4 elementos, promotores e atores de todos os atos da missão. Contudo, para o êxito desta empresa era fundamental a articulação das diversas atividades não só com os respetivos párocos, condição *sine qua non* antes, durante e após a missão; mas também

36 Cf. Acácio Sanches – Modelo de intervenção oratória no Portugal contemporâneo: a Missão Popular. *Lusitania Sacra*. 24 (Jul.-Dez. 2011), p. 186-190.

37 Principais temas pregados: o fim último do homem; a salvação da alma; o pecado como desobediência a Deus; os Novísimos da Alma: morte, juízo, inferno ou paraíso (temas tratados ao longo de vários dias); o prémio ou castigo eternos em consequência do estado de cada um no momento da morte, e os temas da misericórdia divina aliados ao apelo à confissão sacramental: cf. Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 263-301.

38 Principais temas das conferências: para homens: a grandeza do homem, a religião, o respeito humano; para senhoras: a dignidade e delicadeza da missão da mulher, a educação dos filhos, a limitação dos filhos, o apostolado; para raparigas e rapazes: a pureza, a vida de piedade, a vocação, o namoro e a castidade. Cf. Acácio Sanches – *Missões Populares...*, p. 327-344.

39 Não faltam testemunhos de tempos mais recuados (séculos XVII e XVIII), em que, de forma teatral, os pregadores se penitenciavam pelos pecados alheios batendo fortemente no peito, repetindo clamores e rompendo em choro nos púlpitos, acompanhando as palavras com abundantes lágrimas, que o povo podia ver escorrendo nas suas faces, o que contagiava de imediato todo o auditório. Cf. B. Dompnier – *La predicazione di missione dei cappuccini...*, p. 229-230.

com os leigos, agrupados em comissões⁴⁰. Mesmo em paróquias pouco extensas, o trabalho dos fiéis era indispensável e duplamente valioso, na medida em que as suas funções libertavam os missionários para as ações estritamente apostólicas e, ao mesmo tempo, envolvia um conjunto de sujeitos locais, cuja participação ativa se tornava facilitadora do processo missionário. A escolha deliberada de pessoas socialmente influentes concorria em abono deste desiderato. Contudo, embora a logística pudesse ser confiada ao pároco e aos fiéis, a orientação da missão e todas as alterações ou adaptações ao programa previsto, mantinham-se sob a tutela dos pregadores.

Só a experiência podia fazer de um pregador um bom missionário. Habitualmente a iniciação dos mais novos era feita ao lado dos pregadores mais experientes, no contexto de uma missão. Assim, a incorporação das rotinas desta metodologia pastoral produziu, geração após geração, o perfil do missionário ideal, cujas características principais resumimos a partir da obra «El misionero práctico», de Gumersindo de Estella (1945)⁴¹. O seu carácter deve ser flexível e adaptável às diversas classes, culturas e ideologias. Deve ser uma pessoa de oração e virtude, conhecedor das regras da urbanidade. Possuidor de dotes naturais para a oratória: inteligência viva, memória clara, sensibilidade, facilidade de palavra, cordas vocais resistentes e amplos pulmões, em particular para quando não existisse amplificação sonora. No trato pessoal e quotidiano deve ser simples, acolhedor, aberto a sentimentos de compaixão, dotado de tolerância e recatado na linguagem. Deve saber ouvir, não só no confessional, mas também nos locais públicos. Embora procurando alimentar-se bem para compensar o grande desgaste do trabalho diário, deve ser sóbrio na comida e moderado na bebida. Para poder suportar o trabalho de sol-a-sol durante uma ou duas semanas de missão, deve ser de condição física robusta. O seu cartão-de-visita deve ser a alegria estampada no rosto e a disponibilidade para todos, em especial para as crianças e os idosos.

Conclusão

Em suma, podemos dizer que formação básica dos pregadores de missões internas em Portugal na época contemporânea segue a tradicional manualística, sendo, desde esse ponto de vista, em tudo idêntica à de outros eclesiásticos. Os 12 anos que tardava a sequência dos cursos de humanidades, filosofia e teologia, particularmente este último, estavam sujeitos ao uso dos manuais de estudo que passaram intactos de geração em geração.

40 Comissões de leigos possíveis: Permanente, composta pelas pessoas mais influentes da freguesia; de Propaganda, encarregada da divulgação; Catequese, formada por catequistas e professores primários; de Doentes, organizada com médicos, enfermeiros e bombeiros; Recreativa, composta pelos membros de associações desportivas e recreativas; Patronal e Comercial, composta pelos patrões e comerciantes; de Operários e Funcionários, representativa dos trabalhadores. Cf. Acácio Sancho – *Missões Populares...*, p. 165-168.

41 Cf. Gumersindo de Estella – *El misionero práctico: norma para predicar misiones en pueblos católicos según la tradición de los religiosos Capuchinos*. Pamplona: PP. Capuchinos, 1945, p. 11-16.

No entanto, a especialização a que eram sujeitos os pregadores impunha que apenas fosse selecionada uma pequena elite, portadora de competências intelectuais, oratórias, espirituais e práticas excepcionais. Em toda a história da ordem capuchinha, geralmente esta cifra não ultrapassava os 10 por cento dos clérigos. Considerados os maiores e melhores propagadores não só da doutrina mas da própria ordem, a estes era dedicada uma atenção especial. A sua preparação intelectual era, como vimos, revista, atualizada e aprovada anualmente durante os primeiros 5 anos de atividades oratórias.

Um bom missionário mantinha atualizada a sua coleção de sermões ao longo de toda a vida. Certamente, nas suas práticas, sermões e, em parte, também nas conferências proferidas, as raízes tomistas seriam indisfarçáveis. Contudo, tal não significa que o objetivo fosse a realização de cursos intensivos de teologia em cada Missão Popular. Não se tratava de teorizar sobre Deus, mas de conduzir a mente e o coração dos fiéis ao caminho da salvação definido como tal pela dogmática e pela moral. A essa luz, os pregadores denunciavam todas as vias que entendiam serem falsas e, segundo eles, propostas e produzidas pelas ditas «seduções do mundo» e «tentações do maligno». Nesse sentido, a sua posição é mais profética que didática, embora ambas sejam indissociáveis ao nível da missão do interior.